

INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE E ALTERAÇÃO DA SAÚDE DO PROFESSOR DO ENSINO FUNDAMENTAL

Valda Inês Fontenele Pessoa¹

RESUMO

Neste artigo, o cerne da discussão incide na análise dos resultados de uma pesquisa realizada no período de 2015 a 2017, cujo foco central incidiu no trabalho docente. O objetivo foi analisar até que ponto as novas demandas acrescidas às funções docentes das séries iniciais resultaram em mal-estar e alteração da saúde da professora², motivando o afastamento da docente das atividades laborais. O período de 2013-2015 foi selecionado para a coleta das informações no acervo documental de dez escolas públicas do município de Rio Branco – Acre. Os aportes teóricos foram as discussões realizadas pelo(a)s brasileiro(a)s como, Assunção e Oliveira (2009); Gasparine, Barreto e Assunção (2005); Codo e Vasques-Menezes (1999) e os europeus Esteve (1992 e 1999) e Dejours (1992). O critério para selecionar as escolas foi o de congregar um maior número de turmas e de professoras e, assim, foram definidas dez escolas para a realização da pesquisa. Cinco bolsistas de iniciação científica coletaram as informações, identificando os CIDs (classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde) constantes nos atestados médicos, passaram a classificá-los, explicitando a nomenclatura da doença. Após essa fase, o campo da pesquisa foi reduzido para duas escolas, nas quais ocorreram observações e entrevistas com dezesseis professoras. Constatou-se que as demandas acrescidas às funções docentes de professoras das séries iniciais, juntamente com a desvalorização econômica e a ausência de prestígio têm gerado a intensificação do trabalho, mal-estar, ora com proximidade a relatos que explicitam a síndrome de Burnout, ora como estresse continuado que deságua na alteração da saúde, resultando no afastamento das atividades laborais.

Palavras-chave: Intensificação do trabalho; Mal-estar; Adoecimento.

ABSTRACT

This article analyzes the results of a research carried out in the period from 2015 to 2017, focusing on the teaching work. The objective was to analyze to what extent the new demands added to the teaching functions of the initial grades result in malaise and alteration of the teacher's health, reaching the distance from the work activities. The period from 2013-2015 was selected for the collection of information in the documentary collection of ten public schools in the town of Rio Branco - Acre. The theoretical contributions were the discussions carried out by the Brazilian like, Assunção and Oliveira (2009); Gasparine, Barreto and Asunción (2005); Codo and Vasques-Menezes (1999) and Esteve Europeans (1992 and 1999) and Dejours (1992). The criterion to select the schools was to gather a greater number of classes and teachers and thus, ten schools were defined for the accomplishment of the research. Five scientific initiation fellows collected the information. Once identified the ICDs contained in the medical certificate, they began to classify them, explaining the

¹ Professora Associada da Universidade Federal do Acre; Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Interdisciplinaridade – GEPI/PUC/SP e do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional do Acre – GEPPEAC/UFAC/AC. Doutora em Educação: currículo/PUC/SP.

² Foi feita a opção no texto de quando se tratar do(a)s professore(a)s utilizar o substantivo no feminino por elas constituírem a esmagadora maioria nas séries iniciais do ensino fundamental.

nomenclature of the disease. After this phase, the field of research was reduced to two schools, making it possible to observe and interview with sixteen teachers. It was found that the increased demands on the teaching functions of teachers in the initial grades, together with the economic devaluation and lack of prestige, have led to the intensification of work, malaise, and now with proximity to reports that explain Burnout syndrome, now As a continuous stress that leads to health alteration, resulting in the withdrawal of work activities.

keywords: Intensification of work; Malaise; sickness.

INTRODUÇÃO

Neste artigo analisamos os resultados de uma pesquisa realizada no período de 2015 a 2017, cujo foco central incidiu no trabalho docente. O objetivo maior foi analisar até que ponto as novas demandas acrescidas às funções docentes de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental podem estar resultando em mal-estar e no adoecimento, decorrendo afastamento das atividades laborais por indicação médica. Os anos de 2013, 2014 e 2015 constitui período selecionado para a coleta das informações no acervo documental de dez escolas públicas do município de Rio Branco – Acre. O aporte teórico que tornou possível as análises foram as de brasileiro(a)s como, Assunção e Oliveira (2009); Gasparine, Barreto e Assunção (2005); Codo e Vasques-Menezes (1999) e os europeus Esteve (1992 e 1999) e Dejours (1992).

Assim, com essa intenção, iniciamos o processo da pesquisa. O critério utilizado para selecionar as escolas foi o de congregar um maior número de turmas e de professoras e, dessa forma, foram definidas dez escolas públicas para a realização da pesquisa. Chegou-se a essa quantidade, especialmente pelas condições dadas ao projeto pela instituição a qual a pesquisa está vinculada. Na primeira fase de coleta das informações, cinco bolsistas³ de iniciação científica trabalharam de maneira em que cada bolsista ficou responsável por realizar a coleta de dados em duas escolas. Após detectar o CID-10⁴ constante dos atestados médicos, que em média tinha duração de um dia, uma semana, quinze dias ou mais, os bolsistas passaram a identificar o que representava cada um deles, realizando uma tabulação estatística.

³ Andressa Portela Fontes, aluna do Curso de Psicologia; Ângela Maria Moreira de Mesquita Lima, aluna do Curso de licenciatura em Artes Cênicas-Teatro; Jéssica Ingrid Ferreira da Silva, aluna do Curso de Pedagogia; Karine da Silva Galindo, aluna do Curso de Pedagogia e Antônia Coelho da Silva, aluna do Curso de Pedagogia.

⁴ Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados à saúde.

Após a coleta das informações no acervo documental das dez escolas, o campo da pesquisa foi restringido, motivado pela drástica redução de bolsas de iniciação científica que tornava possível aquela extensão inicial. Com isso, foram selecionadas duas escolas a partir do maior índice de atestados médicos apresentados. Assim, por um período de três meses as bolsistas passaram a observar as rotinas desenvolvidas cotidianamente por dezesseis docentes, produzindo relatórios parciais para as posteriores análises. Antes de iniciar essa fase da pesquisa, foi realizada uma série de encontros entre os bolsistas e a coordenadora do projeto, no sentido de orientar os bolsistas quanto às descrições do que haveriam de observar, sendo reiteradas orientações sobre a postura do(a) pesquisador(a) observador e a forma organizada dos registros. Além disso, foram recomendadas a direcionar o olhar para o foco de interesse da pesquisa, distinguindo as ações que envolvem ensino e aprendizagem dos alunos, das ações que fogem desse leque pedagógico, as quais se constituíam no objeto da investigação.

Os objetivos da pesquisa e o papel das observadoras foram totalmente revelados para a comunidade escolar, principalmente para as professoras e gestore/as. Os conteúdos das observações foram registrados em um diário de campo, com riqueza de detalhes, explicitando as ações desenvolvidas pelas professoras para além do que é específico do seu trabalho. As bolsistas também realizaram entrevistas com as dezesseis professoras para destrinçar situações observadas, difíceis de compreensão se fossem restritas às observações. Esse procedimento foi decidido a partir das primeiras análises realizadas.

Concluída essa fase, a organização do material se deu de forma a possibilitar tecer relação qualitativa e interdisciplinar entre a rotina do trabalho curricular, desenvolvido pelas professoras, com os diagnósticos médicos, que justificavam o impedimento do labor docente e o tipo de adoecimento que lhes provocavam. Por fim, foi realizada uma caracterização do trabalho curricular que as professoras desenvolvem como também o estudo aponta outras atividades que fogem das suas competências, mas que, sutilmente, são acrescentadas às rotinas diárias, que se assim não fossem, seriam impeditivas do prosseguimento de suas ações.

O ponto de partida para a propositura da pesquisa que ora apresenta alguns resultados, foi o de procurar entender as motivações que têm levado ao adoecimento de muitos docentes, articulando ao contexto social e político em que as reformas

neoliberais vêm sendo efetivadas no estado brasileiro, a partir do final do século passado. Assim, é importante compreender que o Ministério da Educação do Brasil vem recorrentemente alterando o cotidiano das escolas com suas reformas curriculares, modificando substancialmente a seleção dos saberes, comportamentos, formas de ensino, ritmos; tentado uniformizar em tempo único o processo de ensino aprendizagem, para em determinado período, avaliar nacionalmente todas as instituições, a partir de uma mesma lógica.

O pano de fundo que dá sustentação a essas reformas é a redução do Estado e nesse sentido, para o serviço público escolar, se contrata cada vez menos profissionais, intensificando o trabalho daqueles que já se encontram em efetivo desenvolvimento das ações. Além disso, é utilizada uma lógica de descentralização dos recursos e serviços. O fundo público é repassado para as microunidades, chegando às escolas. Agregado ao trabalho educativo, as escolas passaram a assumir demandas que antes não eram suas. O repasse de obrigações vem alterando as suas rotinas e tem impactado a qualidade do trabalho desenvolvido pelas professoras nesse âmbito, resultando na intensificação das ações e o adoecimento dos seus profissionais. É nessa esfera que se deu o “olhar para dentro” das escolas envolvidas na pesquisa, procurando descrever o que ocorre nas instituições locais.

Realizou-se a organização dos dados a partir de três unidades de análise, a saber:

- a) rotinas do trabalho docente;
- b) outros trabalhos desenvolvidos pelas professoras;
- c) diagnósticos definidos pelos médicos.

A análise dessas três unidades possibilitou verificar a intensificação do trabalho docente e suas consequências para a saúde dos professores.

CARACTERIZAÇÃO DA ROTINA DO TRABALHO DOCENTE E O SENTIMENTO DE INSATISFAÇÃO EM ESTAR NA PROFISSÃO

Das dezesseis professoras observadas e entrevistadas, onze desenvolvem as suas atividades profissionais em dois turnos, manhã e tarde, com crianças das séries iniciais e aos sábado têm encontro para o planejamento geral da semana seguinte. De segunda a sexta-feira, a rotina das professoras das dez escolas da cidade de Rio Branco, Capital do Acre, acontece, em termos de horários, da mesma forma. A aula inicia às sete horas, no período matutino e às 13 horas, no período vespertino. A maioria procura chegar com

antecedência ao horário determinado, para organizar a sala e seus materiais antes de começar a rotina da prática pedagógica, uma vez que em algumas dessas escolas há funcionamento noturno e acontece de não serem organizadas para o turno subsequente.

O termo *rotina* é uma nomenclatura bastante recorrente no linguajar das docentes, representando a sequência a ser seguida a partir do planejamento semanal, realizado em um dia da semana, após o encerramento do turno de trabalho ou no sábado, por estarem isentas do trabalho com o(a)s aluno(a)s. Tais rotinas pouco são alteradas de professora para professora, considerando aulas ministradas em salas diferentes, mas direcionadas para séries iguais.

No primeiro momento da aula, as professoras fazem o acolhimento dos aluno/as (recebê-los ao entrar na sala, dar bom dia, etc.), posteriormente cantam músicas infantis, fazem uma oração ou uma leitura de histórias. O segundo momento, se dá pelo início das atividades diárias programadas na rotina, interrompidas pelo horário de intervalo, que acontece às nove horas e às quinze horas, no primeiro e segundo turno respectivamente. Durante o horário do lanche, as professoras acompanham o/as aluno/as por motivos diversos. O mais frequente é motivado pela ausência dos inspetores de alunos. Na maioria das escolas, cada professora acompanha o/as aluno/as de sua turma. No entanto, em muitas ocasiões as professoras fazem revezamento entre si nesse período, tendo em vista que este é o único momento que elas têm para beber água e ir ao banheiro.

Em quase todas as escolas é notória a presença do/a coordenador/a ou diretor/a no horário de intervalo, zelando pela segurança e garantindo o bom andamento deste período. Encerrado o horário do recreio, o/as aluno/as voltam para sala de aula, juntamente com suas professoras e a rotina do dia continua sendo executada, ou seja, ensino dos conteúdos, resolução de atividades e outras ações relacionadas com o fazer pedagógico. O horário de encerramento das atividades em sala de aula acontece por volta das onze horas da manhã e dezessete horas, no período vespertino. No entanto, foi observado que nem sempre é possível concluir todas as atividades propostas dentro do horário estabelecido. Às vezes, por dificuldades encontradas no processo de aprendizagem; outras por comportamentos considerados indisciplinados ou por problemas pessoais com as crianças. Quando não há tempo para a conclusão das atividades previstas, elas são retomadas no dia seguinte.

É recorrente também que a jornada de trabalho das professoras não encerra na escola, visto que elas desenvolvem grande parte de suas atividades escolares em casa, no período noturno, ou quando não estão no horário de trabalho, ou no final de semana. Considerando que a maioria destas profissionais trabalham dois turnos, uma quantidade mínima de professoras observadas apresenta disponibilidade de tempo para qualquer conversa solicitada. Quase a totalidade delas está sempre correndo contra o relógio, ficando além do horário na escola, aflitas para dar conta de concluir as atividades previstas para o turno que estava encerrando e iniciar, o subsequente, no período vespertino. A percepção é a de que estão constantemente apressadas, com uma sensação de estarem sempre atrasadas. Na realidade, durante o período de observação na escola, não foi assistido qualquer chegada de professora para além do horário determinado para o início das atividades, no entanto, elas estavam sempre correndo, sempre sem tempo.

Também fazem parte do trabalho das professoras as aulas de formação continuada na Secretaria Municipal de Educação - SEME, participação em grupo de estudo, a preparação da aula do dia seguinte - quando não foi possível a conclusão do planejamento semanal, realização de inúmeras pesquisas em revistas e internet, elaboração e correção de provas, estudo individual para o aprofundamento das temáticas a serem ensinadas e muitas vezes discutidas no grupo de estudo, produção de material para as festas e estudo temático com as crianças.

A conclusão que se chega é a de que as docentes trabalham mais em casa do que na escola, ressaltando que a maioria delas desenvolve suas atividades de segunda à sexta feira em sala de aula, em dois turnos. Grande parte dessas profissionais desempenha a função social de mãe, sustenta o lar, não possui funcionário doméstico e fora a rotina que acontece na escola, ainda tem de dar conta de muitas outras atividades relacionadas ao trabalho docente. Selecionamos alguns trechos da fala dessas professoras, representativos da situação que as cercam, quando lhes foram solicitadas que apontassem as atividades que realizam fora do trabalho em sala de aula, segundo elas:

- Nós professores, temos no contrato uma quantidade de horas semanais para isso [percentual pago para planejamento], mas aí não é só aquilo. Porque você pesquisa, faz material em casa, e sem contar com o que a colega estava falando ontem, a gente tenta desligar, mas até quando a gente acorda acaba pensando no que tem que fazer da escola. Então agente sempre leva trabalho para casa, planeja, faz material. É muito trabalho, se você não fizer é porque não quer, porque sempre tem alguma coisa que precisa estar fazendo. (Professora “B” da escola Rosa) ;

- Tudo, porque a gente tem que fazer planejamento e eu acho que eu trabalho mais em casa do que na escola. (Professora “H”, da escola Violeta);
- Tudo que é atividade relacionada à escola, mesmo não estando aqui [escola], estando em casa, tem que fazer. (Professora “E”, da escola Violeta);
- Planejamento, participação nos grupos de estudos que a gente sempre tem e tudo que é necessário para que o nosso trabalho possa de fato ocorrer na sala de aula, porque o nosso trabalho não é só na sala de aula é para além da sala. (Professora “D”, da escola Violeta);
- Ah! Corrijo provas, planejo atividades, a aula tem que ser planejada em casa e executada na escola. A gente passa tanto tempo trabalhando em casa, como na escola. (Professora “G” da escola Rosa).

No contexto das duas escolas, também foi observado no discurso das professoras, demonstração de completa apatia frente à enorme demanda de atividades que elas precisam desenvolver dia após dia; elas entram em sala de aula mecanicamente, sem vida e sem ânimo para enfrentar turmas de crianças muito vivas e com outros interesses que divergem dos assuntos que vão ser tratados em cada encontro de aula.

Tais professoras negam-se em alterar as rotinas planejadas coletivamente, ou a desenvolver qualquer atividade para além do período que permanecem na escola, uma vez que elas se veem imersas no cotidiano fatigante, decorrente de duas jornadas de trabalho e de sua continuidade em um terceiro turno. Essa intensa atividade laboral se estendendo aos finais de semana nos quais as professoras complementam os afazeres da profissão docente. Esses fatores somados à realidade plural das turmas que são constituídas de crianças das mais variadas origens sociais e culturais, podem ser indícios de uma trajetória de exaustão que culmina na desistência de exercer na profissão docente.

Para Codo e Vasques (1999, p. 238), o processo que culmina com a síndrome de Burnout manifesta-se de diversas formas. Uma delas pode ser “a desistência de quem ainda está lá. Encalacrado em uma situação de trabalho que não pode suportar, mas que também não pode desistir”. Segundo eles, o profissional que chega a esse estágio de comportamento veste uma couraça impermeável, em que inconscientemente demarca uma retirada psicológica, uma forma de se abster em atender as demandas do trabalho de maneira efetiva e participativa. Mesmo estando ocupando o posto do ofício ao qual mantém vínculo trabalhista, o professor que vivencia esse transtorno enfrenta o cotidiano muito mais voltado para o ponteiro do relógio, contando as horas e os minutos para que a jornada de trabalho seja encerrada. Sua frequência ao trabalho é fragmentada,

arranjando argumentos plausíveis para justificar as suas faltas. Esse tipo de trabalhador e em especial essa professora permanece no trabalho de sala de aula, mas a sua apatia é imensa, percebendo cada situação, cada aluno/a, cada ano que decorre, como um algarismo adicionado sem sentido, em um contexto de completa falta de satisfação no labor que realiza.

Diante da realidade em que tantas professoras que correm contra o tempo, semana após semana, para desenvolverem o seu ofício de forma competente, outras dizem indiferentemente, até com certo cinismo e total falta de afetividade⁵, que pouco fazem, não tendo necessidade ou não lembrando bem o que fazem fora da escola. Abaixo pode ser observado o que afirmam:

- Ah! Primeiro sou secretária do lar, tudo sou eu que faço, tenho marido, mas ele só coloca a comida dentro de casa, o resto sou eu que faço; não me sobra tempo para fazer nada da escola. Se ainda for fazer as coisas da escola... não vou ficar louca! Mas sendo sincera mesmo, não vejo essa necessidade. (Professora “F” da escola Violeta);
- Bem, deixa eu me lembrar... acho que só o planejamento. (Professora “C” da escola Violeta);

Aproximando a fala dessas professoras ao que Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 238) afirmam em seus estudos sobre a síndrome de Burnout, é possível deduzir as razões que podem estar levando essas docentes a terem comportamentos tão alheios e insensíveis ao ritmo acelerado que a escola impõe e frente aos seus pares. Esses estudiosos afirmam que o conceito dessa síndrome é multidimensional, enxergando três elementos que a envolvem:

- a) Exaustão emocional – situação em que os trabalhadores sentem que não podem dar mais de si mesmos a nível afetivo. Percebem esgotadas a energia e os recursos emocionais próprios, devido ao contato diário com os problemas; b) Despersonalização – desenvolvimento de sentimentos e atitudes negativas e de cinismo às pessoas destinatárias do trabalho (usuários) – endurecimento afetivo, “coisificação da relação”; c) Falta de envolvimento pessoal no trabalho – tendência de uma “evolução negativa” no trabalho, afetando a habilidade para realização do trabalho, ou contato com as pessoas usuárias do trabalho, bem como com a organização.

Não é possível afirmar que o comportamento dessas professoras, em relação ao trabalho, seja consequência exclusiva dessa vivência no cotidiano da escola pública. Mas podemos afirmar que todas, sem exceção, quando foram indagadas sobre quais

⁵ Ver Fazenda (2008)

fatores das atividades laborais que elas exercem poderiam influenciar para o adoecimento delas, foram mencionadas:

- a) a carga horária corrida e exaustiva que não permite reservar qualquer tempo para o lazer e para cuidarem um pouco de si;
- b) a excessiva indisciplina das crianças que as levam a um constante estresse.

Duas situações foram descritas em dois relatórios parciais de observação, que merecem ser explicitados, pelas peculiaridades que apresentam. Em uma das muitas idas à escola, uma bolsista da pesquisa descreve episódios de conversas com uma professora que demonstra a exaustão e a falta de prazer com o trabalho que realiza. A partir das anotações, tratava-se de uma professora angustiada, cansada, transparecendo grande infelicidade por ser já de meia idade e não ter tempo, segundo ela, de recomeçar em outra profissão. Naquela ocasião, em conversa informal com a referida bolsista, a professora relatou que já havia ficado afastada duas vezes por um período de seis meses da sala de aula, em decorrência do seu elevado estado de estresse, motivado pelo excesso de atividades das duas jornadas de trabalho que decidiu fazer, para complementar o salário.

Segundo essa professora, ela atuava como provedora da família e tinha três filhos para sustentar, em idade escolar. Assim, resolveu fazer uma dobra⁶ de turno. Após atuar por um período longo nessa situação, ela começou a ser acometida de alguns sintomas, ficando a sua situação insustentável mediante às constantes dores na cabeça, febre, mal-estar e medo que lhes impediram de continuar no ofício laboral, chegando inclusive a desenvolver uma certa carência de vitaminas no organismo que gerou uma intensa perda de cabelo. Ao procurar um médico e realizar muitos exames laboratoriais, os quais não indicavam aspectos preocupantes para o equilíbrio físico, a docente foi diagnóstica com síndrome do pânico. Sobre esse quadro e próximo ao que a professora relata, Carlotto (2002, p.2) afirma que,

No exercício profissional da atividade docente encontram-se presentes diversos estressores psicossociais, alguns relacionados à natureza de suas funções, outros relacionados ao contexto

⁶ Esse é o termo utilizado, para representar a forma de trabalho em dois turnos, não significando que a profissional efetivará a assinatura de dois contratos. Terá direito apenas a receber um percentual a mais em seu salário de um único contrato trabalhista.

institucional e social onde estas são exercidas. (CARLOTTO, 2002, p.2)

Embora o diagnóstico emitido pelo profissional da saúde, nesse caso, não seja síndrome de Burnout, é recorrente nas escolas, profissionais que não mantêm envolvimento pleno no desenvolvimento das atividades que com a continuidade dessa situação, desencadeiam outras síndromes que indiretamente atingem o ambiente, interferindo no resultado dos trabalhos escolares.

Em outro relatório de observação, a bolsista da escola Violeta descreve a respeito de um conselho inusitado dado por uma professora da sala que cuidadosamente observava. Nesse dia era perceptível o seu desânimo, cansaço e talvez por decorrência disso, começou falar sobre “ser professor”, iniciando uma narrativa sobre a sua vida nessa profissão e como se sentia nela. Segundo ela, só estava na área da docência, porque não teve outras oportunidades de trabalho. Relatando as experiências da sua vida, a professora conta que era casada com um homem ciumento, o qual não a deixava estudar. Só depois de romper com o matrimônio conseguiu ingressar no ensino fundamental. Ao término deste nível de ensino, ela continuou no ensino médio, ou melhor, no antigo magistério. Assim, começou a trabalhar como professora, mas deixa claro que essa profissão não é desejável a ninguém, uma vez que a remuneração é baixa e se o professor almejar uma renda mais tranquila tem que trabalhar dois horários (manhã e tarde). Além disso, a professora afirma que as exigências são muitas e os alunos são indisciplinados o que gera cansaço, acabando por desmotivá-la.

Continuando o seu relato, a referida docente explicita que no período atual da docência, o professor tem cada vez menos autonomia para desenvolver o seu trabalho pedagógico, tendo que apenas cumprir com o que já chega pronto para ser desenvolvido. Esse é outro aspecto que contribui para a sua tristeza com a profissão, pois ela se sente mais desempenhando o papel de mediadora da coordenadora pedagógica da escola, que por sua vez, é mediadora das determinações da Secretaria Municipal de Ensino - SEME, não tendo quase qualquer autonomia frente à sua sala de aula, menos ainda, para desenvolver projetos novos, produzidos por ela mesma em conjunto com outras professoras da escola.

A professora encerrou seu relato, aconselhando a bolsista a não enveredar pelo caminho da docência, disse para ela aproveitar sua juventude e buscar formação em áreas afins, menos na docência, visto que consiste numa área atualmente tão

desvalorizada em que não se enxerga nenhuma vantagem. Diante desse relato, foi realizado busca teórica que fosse capaz de fornecer, interdisciplinarmente⁷, elementos que vislumbrassem frestas de compreensão para a angústia descrita.

Dejours (1992) analisou o contexto de trabalhadores em um ambiente de trabalho organizado, abordando a discussão do trabalho *Taylorizado* e as vivências subjetivas que dele se originavam. As condições de trabalho por ele analisadas iniciaram a partir do século XIX, dividindo em três fases históricas: a primeira compreende a fase de desenvolvimento do capitalismo industrial, que vai do século XIX até a primeira década do século XX; a segunda compreendendo o período entre a primeira guerra mundial até o ano de 1968; e por último, após o ano de 1968.

A obra de Dejours (1992) retrata os mecanismos de defesa utilizados pelos trabalhadores submetidos ao sofrimento e à brutalidade impostas pelas condições e organização de trabalhos vigentes nessas três fases históricas. A obra desse autor foi resgatada, principalmente para extrair dela conceitos pertinentes à relação homem – trabalho – saúde e assim aproximar ao que é vivido por docentes, no tocante aos efeitos negativos advindos das atividades educacionais no momento contemporâneo, no município de Rio Branco.

Esse teórico pormenoriza dois componentes que se pode considerar na relação do homem com o conteúdo significativo do trabalho: “o conteúdo significativo em relação ao sujeito e ao conteúdo significativo em relação ao Objeto” (Dejours, 1992, p. 49). O primeiro é pertinente a “significação da tarefa acabada em relação a uma profissão e o estatuto social implicitamente ligado ao posto de trabalho determinado”, por exemplo, o que posso saber sobre “fulano” sendo a profissão dele a de professor? O segundo diz-se do investimento pessoal à tarefa, ou seja, segundo o autor, “ao mesmo tempo em que a atividade de trabalho comporta uma significação narcísica, ela pode suportar investimentos simbólicos e materiais destinado a um outro, isto é, o Objeto” (DEJOURS, 1992, p. 50).

A atividade de trabalho veicula a outro (um objeto) mensagens simbólicas. Esse “outro” é tanto exterior real quanto interiorizado e a natureza dos símbolos encontrados na atividade do trabalho dependem, concomitantemente, da vida interior do indivíduo. Dejours (1992, p. 50) salienta ainda que “acontece inevitavelmente o interlocutor

⁷ Fazenda (2008)

interior e os personagens reais que o trabalhador encontra opõem-se”. Não se caracteriza necessariamente de uma condicional em que ao se responder a um questionamento, automaticamente responde-se ao outro. O autor reconhece também que a significação do trabalho é subjetiva, específica e única de cada trabalhador, é posta em questão a história pessoal, relações presentes e passadas, bem como a sua vida íntima.

Dejours (1992) afirma não haver neutralidade dos trabalhadores acerca do que se produz, o autor reitera sustentando, no que diz respeito ao conteúdo significativo do trabalho em relação ao Objeto, que a produção assume função social, econômica e política. Ou seja, “a tarefa nunca é neutra em relação ao meio afetivo do trabalhador”. Uma totalidade de situações externas ao ambiente de trabalho vincula-se a ele. A título de exemplo, adotaremos o salário recebido. A remuneração contém numerosas significações, tanto concretas e diretas (pagar contas, sustento, etc), como também sonhos, aspirações, e projetos a realizar. Um baixo salário veicula-se negativamente as essas significações, logo, advém dele as limitações materiais vivenciadas.

Consoante a esse aspecto, Dejours (1992, p. 49) diz que “executar uma tarefa sem investimento material ou afetivo exige a produção de esforço e de vontade, em outras circunstâncias suportadas pelo jogo da motivação e do desejo”. O descontentamento continuado que envolve significativamente o encargo profissional engendra padecimento, no qual o maior choque incide, principalmente, a dimensão mental dos sujeitos.

Concomitante a essa compreensão, Esteve (1991, p.66) explicita que consta do relatório publicado na OIT⁸ a conclusão, a partir de dados coletados em países desenvolvidos, que “os professores correm o risco de esgotamento físico ou mental sob o efeito de dificuldades materiais e psicológicas associadas com o seu trabalho”. Dificuldades essas que compõem as causas prioritárias dos abandonos observados nessa profissão. Embora seja uma conclusão a qual se chegou a partir de realidades de países economicamente diferentes da do Brasil, o que vem sendo descrito sobre as escolas de Rio Branco-Ac, funciona como um sinal de alerta vermelho para pensar nessas condições que levam à intensificação do trabalho dessas professoras e o adoecimento que ora se observa na conjuntura atual.

⁸Emploi et conditions de travail des enseignants (em português: Emprego e condições de trabalho dos professores), Genebra Bureau Internationale du travail.

OUTRAS ATIVIDADES IMPOSTAS AO DOCENTE E O ADOECIMENTO

Sem o apoio de outros profissionais especializados, faz parte das ações docentes, atividades que fogem do leque específico para o qual foram contratadas, naturalizadas nessas últimas décadas como integrantes do fazer da escola, passando a constituir parte do conjunto diário do labor das professoras. No quadro de trabalhadores dessas instituições não consta a figura do psicólogo e do assistente social, sendo as atribuições que seriam desses profissionais, atribuídas àqueles que representam os principais agentes de atendimento das demandas que chegam até a escola, ou seja, que chegam até as professoras.

Para avançar no ensino e na aprendizagem dos alunos, acaba sendo inevitável, pela ausência de outros profissionais que as professoras assumam atividades que atingem diretamente as crianças e o seu rendimento na aprendizagem, como essas que seguem, relatadas por elas mesmas:

“levar as crianças para suprirem a falta de alimentação”; “identificar problemas familiares, emocionais e psicológicas”; “enfrentar questões sobre criminalidade, tráfico e uso de drogas”; “detectar problemas de doenças ou se de fato não querem fazer as atividades propostas”; “procurar conciliar a hiperatividade de algumas crianças que não sossegam quase que nunca”; “comportamentos que envolvem a sexualidade”; “problemas de visão”; “problemas de dislexia”.

Em alguns casos, é necessário o professor levar o aluno à cantina para fazer uma refeição para então poder ter condições de voltar à sala de aula para estudar. Essas situações são mais recorrentes quando o aluno é de classe social economicamente desfavorecida e muitas vezes vão à escola, prioritariamente, pela merenda que é oferecida no local.

Outro fator recorrente observado está relacionado aos alunos irem doente para a escola e segundo relatos das professoras, alguns alunos demonstram “preguiça” de realizar as atividades propostas ou de escrever no seu caderno, inventando dores de cabeça, de barriga, etc. Em outras situações, quando os alunos realmente comparecem a escola doente, a docente precisa sair da sala de aula, levá-los à coordenação para que esta comunique aos responsáveis. Em casos mais graves, quando ocorre algum acidente

no horário de intervalo, o primeiro procedimento é chamar o SAMU (Serviço de Atendimento móvel de Urgência) e avisar a família da criança, como também um funcionário da escola deve acompanhar o mesmo até algum familiar se fazer presente.

A professora na escola tem que estar atento a tudo que acontece com o/a aluno/a, tanto que a maioria dos problemas de doenças físicas ou psicológicas são identificados pelas docentes, como problema de visão, problemas de hiperatividade, dislexia, autismo, entre outros; quando a professora identifica algo diferente no/a aluno/a, a mesmo informa à coordenação, que por sua vez, requisita a presença dos pais na escola e informam o que possivelmente o aluno pode ter, para que o responsável possa procurar um profissional especializado para auxiliar o seu filho.

A única ajuda que as professoras da sala de aula têm emana da equipe gestora. Se algum/a aluno/a na escola precisa de atendimento especializado de psicólogo, assistente social ou médica a rede municipal estabelece, segundo seus relatos, muita burocracia no processo e não os disponibilizam. Em unanimidade nas instituições de ensino, cabe à professora de AEE⁹ (Atendimento Educacional Especializado) a função de auxiliar o/as aluno/as especiais ou com problemas psicológicos que chegam às escolas já com laudo médico, os demais casos que ainda não passaram por perícia médica, suas situações vão sendo remediadas pelas próprias professoras das salas. Outra função que a professora da rede municipal de ensino desenvolve, sem o auxílio profissional, é a escuta dos problemas familiares e emocionais das crianças e em rodas de conversas praticadas durante a aula, os alunos se sentem à vontade e confiam para contar tudo que acontece em sua casa.

Problemas como comportamento sexual, criminalidade e uso de drogas não são identificados com tanta frequência pelas professoras, por se tratar de aluno/as pequeno/as, das séries do primeiro seguimento do ensino fundamental; nível em que esta pesquisa focou, questões como o uso de drogas são trabalhadas em sala de aula como temas transversais de alerta para o/as aluno/as.

A maioria dessas profissionais se sente impotente para lidar com situações que são trazidas de casa pelos alunos, como as citadas anteriormente, mas são levadas, pelas circunstâncias, a lidar com tais situações, assumindo a posição de psicólogo, médico,

⁹ Esses professores são delegados para trabalharem com crianças com deficiências como, cegueira, problemas de paralisia cerebrais, surdos, autismo, etc.

assistente social, conselheiro, etc. É uma minoria entre elas, que prefere não se envolver demasiadamente nessas situações.

Assunção e Oliveira (2009) analisam as últimas reformas educacionais e a centralidade atribuída ao trabalho docente em seus contextos escolares, levando-os a assumirem maiores atribuições. As referidas autoras ao analisarem esse tipo de situação em suas pesquisas que guardam proximidade com o que vem sendo descrito neste artigo afirmam que a intensificação do trabalho docente tem provocado consequências para a saúde dessas trabalhadoras. As autoras mencionam fatores qualitativos e quantitativos que alteram substancialmente os tipos de atividade desenvolvidas na escola sem o acréscimo de outro grupo de profissionais, necessários para dar o suporte social e corresponder com as novas exigências impostas pela diversidade de situações que envolvem o trabalho escolar. Nas escolas pesquisadas, na cidade de Rio Branco, foi observada a intensificação das ações das docentes, ocupando quase que a totalidade de seus tempos de vida para o trabalho escolar. Não lhes restando tempo para o lazer, repouso e o ócio, tão importantes para a estabilidade da saúde humana.

A obra de Esteve (1992; 1999) retrata a realidade do contexto educacional europeu, no entanto, é possível perceber aproximações com o cenário que vem sendo descrito da realidade das escolas Rio-branquenses. Assim, esse teórico português, ao analisar o mal-estar docente com base em Blase (1982, p. 103), apresenta fatores que classifica como primários e secundários.

Os primários dizem respeito a situações que interferem diretamente nas ações docentes, em seu trabalho com os alunos, que provocam tensões associadas a sentimentos e emoções negativas. Já os fatores secundários estão relacionados às condições ambientais do contexto em que as ações docentes são desenvolvidas. Quando tais aspectos são intensificados influenciam sobremaneira a imagem que o docente tem de si mesmo e de sua atuação profissional, provocando uma crise de identidade ou até mesmo a uma autodepreciação do ego.

Com base ainda em Esteves (1999, p. 28), vale ressaltar que em muitos estudos vem sendo apontado o fato de que nas últimas décadas “têm aumentado as responsabilidades e exigências que se projetam sobre os educadores, coincidindo com um processo histórico de uma rápida transformação do contexto social, o qual tem sido traduzido em uma modificação do papel do professor, que implica uma fonte importante

de mal-estar para muitos deles, já que não tem sabido ou, simplesmente, não tem aceitado acomodar-se às novas exigências”.

No que concerne à documentação pesquisada (atestado médico), presente nos arquivos das instituições escolares, foram coletados 497 atestados, referentes ao período de 2013 a 2015. Dessa totalidade, 63 atestados não apresentavam o CID (Classificação Internacional de Doenças) da doença que justificava o afastamento do trabalho como também, diante da caligrafia dos profissionais da saúde, não foi possível a sua identificação em 15 atestados. É importante salientar que 40% da totalidade das escolas pesquisadas não era objeto das suas preocupações a guarda de cópia dessa documentação, sendo o original enviado à SEME (Secretaria Municipal de Educação de Rio Branco) para os encaminhamentos determinados legalmente. Diante desse quadro de atestados médicos, em que o CID estava plenamente identificado, foi observado que 40% destes era relativo a afastamento por incapacidade laborativa, motivado pelas doenças que seguem: Transtorno do humor – CIDF39; Ansiedade generalizada – CIDF41.1; Vertigem; Transtornos musculares – CIDM.51.1 – CIDM21.6; Bursite – CIDM51.1 – CIDM17.0; Hipertensão – CIDI.10; Transtorno de ansiedade orgânica – CIDF061; Fobia social - CIDF40.1; Distúrbio da atividade e da atenção – CIDF90.0; Transtorno depressivo recorrente - CIDF33; Fobia específica – CIDF40.2; Agorafobia – CIDF40.0. Grande parte dessas doenças pode ter origem psíquica, as quais são mais difíceis de serem diagnosticadas.

A pesquisa desenvolvida por Gasparini, Barreto e Assunção (2005) apresentou “o perfil dos afastamentos do trabalho por motivo de saúde de uma população de profissionais da educação”. Além do perfil explicitado, a investigação dessas autoras, constata que os transtornos de origem psíquica lideram a escala das doenças que provocam o afastamento do ambiente de trabalho, que de certa forma, não ficam distantes das que nesta pesquisa detectou-se.

No tocante a modificação do papel e da função do professor diante do contexto atual de globalização, Esteve (1991) cita que tem “aumentado as responsabilidades e exigências sobre os professores”. Isso se desencadeou devido às transformações aceleradas do contexto social que cada vez mais impulsionou as demandas para a escola e que por outro lado, por efeitos da visão neoliberal, a redução do estado empregador vem sendo efetivada. Concomitante a esse aspecto, o autor também assinala a aparição

da transferência de atribuições sociais ao professor, tais como a responsabilidade transmitida dos pais a eles de orientar os alunos valores mínimos e disciplina.

Os registros dos relatórios evidenciam aspectos dos discursos das professoras observadas, que manifestam relação estreita com o que Esteve aponta:

- É uma questão em relação à educação mesmo. Os pais jogam a responsabilidade toda para nós;
- A criança é de responsabilidade do pai e da mãe e sem o apoio deles, tudo fica mais difícil na escola;
- Se a família não fizer esse papel de impor o limite à criança, ela chega na escola um desastre, a família acaba atribuindo à escola, ao professor, essa tarefa, infelizmente nós temos que fazer isso;
- Tudo isso que é extra-escola nós somos cobradas, indisciplina, violência, limites... O professor além de ter que trabalhar o letramento, o ensino aprendizagem e outras demandas, ainda tem que se deparar com isso;
- Dar assistência que a família não deu; a gente até se preocupa sobre a questão de saúde, mas fazer tudo é impossível;
- Os pais impõem que nós temos que fazer tudo pelos filhos deles;
- A educação vem de casa, querendo ou não fica tudo nas costas da gente, sendo que a nossa missão é educar em nível de conteúdo;
- Temos que assumiu o papel da família.

Se caso o filho não caminhe bem nas ações curriculares da escola, a maior culpabilidade recai nos ombros das professoras que lecionam para essas crianças. Nesse sentido, para Esteve (1991, p.40), “tanto nesse aspecto como em muito mais, simplificam os males da escola responsabilizando o professor por tudo que nela vai mal” inclusive em fatos em que a responsabilidade real do profissional é restrita.

Assim é possível inferir, que diante desse quadro as professoras se sentem julgadas e, além disso, sobrecarregadas de responsabilidades sociais, exigências e expectativas sociais que constantemente se propõem a responder, sacrificando-as em escala progressiva. Esteve (1991, p.38) conclui que comumente os professores tem que conciliar duas atitudes sociais que são opostas. Exige-se que ele mantenha a postura de amigo das crianças que auxilia nas mais diversas necessidades pessoais; e ao mesmo tempo, tenha a investidura de juiz no ambiente de sala de aula.

Esteve (1991) alega ainda, que diante das transformações do cenário social não há mais um consenso exclusivo sobre a profissão docente, “qualquer atitude do professor pode ser contestada e haverá grupos e forças sociais dispostos a apoiar a contestação ao professor”. Diante do exposto, sobre essas contradições, o autor

corroborando com Milstein, Golaszewski e Duquette¹⁰ quando afirmam “quando o nosso ambiente é estável a maioria de nós pode enfrentá-lo. No entanto, quando ele muda rapidamente, até o mais saudável acha difícil evitar o stress”.

Nesse contexto de mudanças aceleradas em todos os campos de atuação, motivada muito pela revolução tecnológica e de comunicação, o papel das professoras que além de ter de se adaptar à situação de acréscimo de responsabilidades sofre ainda com as mudanças do contexto social e do apoio social no exercício da profissão. Acerca disso Esteve (1991) discorre a respeito de um fator que influencia para o esgotamento, quando associado aos aumentos de responsabilidades e exigências. O fator que obedece a essa condição é o da valorização e reconhecimento do profissional da educação. Por mais que José Manuel Esteve disserte com referência a uma realidade distante da nossa as ocorrências descritas por ele convergem em andamento similar ao encontrado no campo pesquisado.

“Ainda nos anos quarenta e cinquenta se reconhecia tanto ao professor primário como e sobretudo ao professor do secundário com título universitário um status social e cultural elevado (...). Estimava-se neles o seu saber, abnegação e vocação” (ESTEVE, 1991, p. 41). Não é nesse contexto que a prática docente acontece atualmente. A profissão docente é por muitas vezes escolhida por “ser a única opção da época”, “fácil ingresso no mercado de trabalho”, “influência familiar”¹¹, e afins.

Esteve (1991, p. 41) confirma, segundo estudos de Litt e Turk (1985), que salários incongruentes à prática profissional bem como o baixo estatuto social “tinham uma importância maior do que os problemas relacionados com o trabalho do professor na aula”. Esse estudo esclarece ainda, que problemas que apresentam relação às condições sociais do trabalho causam um sentimento de autêntica crise de identidade, fazendo com que os professores se indaguem sobre o sentido do seu trabalho.

Concomitante a isso, Milstein, Golaszewski e Duquette (1984, p. 295)¹² elencam fatores significativos como fontes de stress dos professores. São eles: salário, a falta de coerência nas suas relações com os alunos e a sobrecarga quantitativa de trabalho. Esse fato é observado em falas dos docentes, sujeitos informantes desta pesquisa:

¹⁰ Milstein, Golaszewski e Duquette (1984, p.293) apud Esteve (1991, p. 38) em “O Mal-estar Docente”

¹¹ Relatos informais do campo de observação

¹² apud Esteve (1991, p. 41)

-A gente é muito desvalorizada financeiramente. Há um desgaste muito grande, muita cobrança, mas, por outro lado, a realização que a gente tem é quando vemos a criança e o seu desenvolvimento evoluindo, isso aí dá um prazer para a gente” [sic];

-Quando a gente vê uma criança lendo a gente se realiza, então mostra que o trabalho está dando retorno por mais que não ofereçam estruturas ideais para isso.

Como se tentou explicitar no decorrer deste artigo, as novas demandas acrescidas às funções docentes de professoras das séries iniciais, juntamente com a desvalorização econômica e a ausência de prestígio têm de certa forma gerado uma intensificação do trabalho, mal-estar, ora com proximidade aos relatos que explicitam a síndrome de Burnout, ora como estresse continuado que culmina no adoecimento, resultando no afastamento das atividades laborais por indicação médica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSUNÇÃO, Ada Ávila; OLIVEIRA, Dalila Andrade. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. *Educação & Sociedade*, Campinas-SP, v. 30, n. 107, p. 349-372, 2009.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout e o trabalho docente**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722002000100005&lang=pt> Acesso em: 15 de jul de 2017.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout? In. CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1999.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação: carinho e trabalho – Burnout, a síndrome da desistência do educador, que pode levar à falência da educação**. Petrópolis-RJ, Vozes, 1999.

DEJOURS. C. **A Loucura do Trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1992.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente: a sala-de-aula e a saúde dos professores**. Bauru-SP, EDUSC, 1999.

ESTEVE, José M. **O mal-estar docente**. Lisboa, Escher/Fim de século edições, 1992.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. **O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/agosto, 2005.